

# Apresentação

*Dossiê*

*Antropologia Feminista e Educação:  
imaginários plurais  
e emancipatórios.*

Organizadoras:

Violeta Maria de Siqueira Holanda

Anne-Sophie Gosselin

---

**A** Antropologia Feminista se constitui como importante campo de saber que inspirado nas contradições e situações de opressão das mulheres produz um potente corpus etnográfico, problematizando o cotidiano de dominação e instituindo novos parâmetros no trabalho de campo antropológico, como o abandono da neutralidade científica e a incorporação da *reflexividade* epistêmica (MÉNDEZ, 2008).

Inspiradas na força da Antropologia Feminista e no desejo de seu fortalecimento em nosso campo de atuação na educação, organizamos o dossiê “**Antropologia Feminista e Educação: imaginários plurais e emancipatórios**” com intuito de contribuir com a ampliação das reflexões sobre as diversas experiências femininas e feministas na educação e além dela. Interessa-nos reunir pesquisas feministas, antropológicas e de áreas afins que tenham como mote a educação em sua diversidade: seja no âmbito da educação no sentido amplo do termo, isto é como processo de socialização em particular nos contextos da militância e do ativismo político (em associações e movimentos sociais), da educação informal, com atenção específica às comunidades tradicionais/originárias, alternativas, dentre outras; da educação formal, considerando as relações de ensino-aprendizado e poder produzidas nas escolas e universidades; ou em contextos mistos.

Foram acolhidas propostas de pesquisadoras que estiveram reunidas no II Congresso Internacional de Antropologia Feminista, em julho de 2024, na Universidade de Granada na Espanha, no Simpósio intitulado “Antropologia feminista e educação: diálogos e produção de significados emancipadores” (organizado por Violeta Holanda, da Unilab, Anne-Sophie Gosselin, da Universidade Católica do Oeste/França, e Begoña Sánchez, da Universidade de Cádiz/Espanha); além de outros artigos que se somaram ao debate aqui proposto.

O intuito é confluir encruzilhadas reflexivas produtoras de significados emancipatórios que promovam um debate sobre a violência machista na formação e atuação das mulheres, bem como reflexões sobre as diferentes feminilidades, masculinidades, transgeneridades e sexualidades em contextos educacionais, bem como investigar formas de ressignificação das representações associadas às desigualdades de gênero. Nossa perspectiva considera o debate sobre a vio-

lência contra as mulheres sem reforçar a visão miserabilista de mulheres vítimas de um sistema opressor, mas considerando a agência dessas mulheres na produção de outras narrativas. Portanto, o dossiê representa um espaço de registro etnográfico e/ou da produção de escritas situadas das próprias pesquisadoras antropólogas (em sua maioria, autoras mulheres) em diálogo com a educação.

Em linhas gerais, os trabalhos presentes problematizam a partir da temática do gênero e suas interseccionalidades, sobretudo, de raça/etnia/origem, classe, geração, orientação sexual, dentre outras. Analisam processos de socialização política de ativistas feministas como processo de aprendizagem e de construção de subjetividades alternativas que rompem com modelos patriarcais e heteronormativos. Ademais, são análises construídas à luz das teorias pós-colonialistas e/ou decoloniais que incentivam a emancipação de grupos secularmente excluídos.

Por fim, contra a postura clássica que reduz as relações de força a um simples dispositivo monolítico imposto aos ditos “dominados”, este dossiê evidencia pesquisas antropológicas feministas que consideram a multiplicidade e toda a complexidade da realidade material, simbólica, física e emocional das formas de resistência contra as relações de poder, instituídas em contextos locais e globais, e que se relacionam com a problemática educacional.

No primeiro artigo, Andrea Vides de Dios apresenta o trabalho intitulado “Clubes de lectura: espacios para la Resignificación y sociabilización feminista”, destacando os Clubes de leitura feministas como espaços de socialização política, por meio da leitura e dos debates, estes espaços reinventam os processos de socialização feminista na Espanha.

No segundo artigo, Aixa Permuy e Laura Alonso relatam “Uma pedagogia queer dos afetos na universidade: co-consituição autopoética de uma insurgência afetiva” em que à luz da pedagogia queer, as autoras analisam a força do afeto num processo de transformação no contexto universitário.

No terceiro artigo, Francisco Vítor Macedo Pereira analisa “A trajetória de lutas das mulheres negras no Brasil e na América Latina”. Foca sobre as singularidades das lutas das mulheres negras oferecendo um breve, porém rico, panorama crítico e histórico do movimento feminista negro e anti-hegemônico no Brasil e na América latina.

No quarto artigo, Ineildes Calheiro apresenta “O esporte como inclusão de gênero e a interseccionalidade nos países africanos-Palop”. Fundamenta a partir de estudos decoloniais, dos feminismos africanos e feminismos negros, o lugar de mulheres de origem africana no futebol. Recorta como principal território a Guiné-Bissau e o futebol como modalidade esportiva capaz de suscitar conflito, insubmissão e empoderamento feminino, considerando, inclusive, a resignificação da tradição.

No quinto artigo, Alfredo Pazmiño e Violeta Holanda avaliam as “Percepções sobre gênero e antropologia feminista entre estudantes universitários/as”. O estudo apresenta uma análise comparativa das percepções sobre gênero e antropologia feminista entre estudantes de duas universidades periféricas. Foram abordados temas como gênero na vida cotidiana e no ambiente universitário, bem como o impacto da antropologia feminista na formação acadêmica. Os resultados revelaram diferenças na percepção das desigualdades de gênero, influenciadas pela intersecção de origem, africana ou latino-americana, a classe e o contexto institucional. É destacada a importância da antropologia feminista na desconstrução do conhecimento hegemônico e na contribuição para uma educação crítica e comprometida com a equidade do gênero.

No sexto artigo, Sol Alves de Lima apresenta o trabalho intitulado “Ações afirmativas e epistemologias travestis: meu caminho na antropologia”. São compartilhadas reflexões a partir da trajetória travesti da autora no ambiente universitário. Lutas por acesso, permanência e produção de conhecimento em uma universidade pública, a partir da produção de uma escrita situada e da noção de uma “antropologia travesti” — forjada nas disputas políticas e institucionais por ações afirmativas voltadas a pessoas travestis e transexuais.

No desejo de participar da visibilização da antropologia engajada e feminista em contextos educacionais, convidamos à leitura destes valiosos estudos etnográficos, que contribuem de forma qualitativa com a construção de novos imaginários plurais e emancipatórios.

### Referência:

MÉNDEZ, Lourdes. 2008. **Antropología feminista**, Madrid: Síntesis.

## **Sobre as Organizadoras:**

### **Violeta Maria de Siqueira Holanda**

É professora associada da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), vinculada ao Instituto de Humanidades, Bacharelado em Antropologia e Programa Associado de Pós-Graduação em Antropologia UFC/UNILAB. Realizou Pós-doutorado no Departamento de Antropologia da Universidad de Sevilla/Espanha (2020-2021) e Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC (2018). Possui Doutorado em Ciências Sociais pela UFRN (2013) e reconhecimento da titulação de doutorado pela Universidade de Sevilha (2023), Mestrado em Sociologia pela UFC (2002), Especialização na área de violência doméstica contra crianças e adolescentes pelo LACRI/USP (2003) e Graduação em Ciências Sociais pela UFC (1999). Desenvolve pesquisas nas áreas da Antropologia das Populações Afro-brasileiras, Gênero, Feminismos, Violência Doméstica e Familiar, Saúde Sexual e Reprodutiva, Diversidade, Interculturalidade, Decolonialidade, Direitos Humanos e Ecologia Política. Atualmente, é coordenadora geral do Projeto de extensão “I Curso de Defensoras Populares” (Parceria: Ministério da Justiça, Defensoria Pública do Estado do Ceará e Unilab), ganhadora do Prêmio Innovare (2025). É sócia efetiva da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e líder do Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero - CIEG DANDARA (Diretório CNPq/UNILAB).

### **Anne-Sophie Gosselin**

Foi professora adjunta do curso de Sociologia e Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Instituto das Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Doutora em STAPS pela Universidade Paris Ouest Nanterre La Défense – doutorado revalidado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui graduação revalidada em Ciências Sociais. Diplomas originais em Sociologia e Etnologia (Universidades de Nantes e Brest, França) e mestrado em Antropologia da Dança - Master of Arts in Ethnochoreology (Universidade de Limerick, Irlanda). Foi bolsista pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Lecionou na Universidade Jean Monnet (França), na Accademia Nazionale de Danza

(Itália), no Centro de Investigación y Estudios de la Medicina Tradicional Maya (Guatemala) e na UECE. Desenvolve atividades de pesquisa na área das Ciências Sociais com ênfase nos seguintes temas: corpo, política, arte e educação. Foi coordenadora geral do curso de especialização EaD em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos da Unilab no período de 2020 a 2022.